



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

PARALELOS ENTRE HIGIENISMO E OS CURRÍCULOS DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL (1914 – 1944)

Marianna Carla Costa Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mariannaatavares@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a presença do caráter higienista no modelo curricular presente na Escola Doméstica (ED) no período de 1914 a 1944, a fim de identificar se a instituição adotou esses ideais e, caso afirmativo, de que forma isso aconteceu. Levamos em consideração as administrações que ficaram à frente da escola no momento em questão, tendo em vista que na coleta de dados percebemos que durante 101 anos de funcionamento a Escola Doméstica de Natal teve 16 diretoras e propomos uma divisão em quatro momentos na administração da instituição, sendo este trabalho referente aos dois primeiros períodos. O primeiro período consiste no momento em que estiveram à frente da instituição as diretoras estrangeiras. Já o segundo período consiste no momento em que as diretoras passaram a ser brasileiras e, em sua maioria, ex-alunas da instituição. Para a análise optamos por considerar o currículo de 1914 e suas reformulações, bem como outros documentos oficiais, como boletins, fotos e relatos. Esses dados foram obtidos por meio de uma revisão bibliográfica acerca da ED e pesquisas em campo que tiveram como objetivo coletar informações sobre a instituição. Para chegar aos resultados, fez-se necessário um estudo analítico-comparativo, fazendo comparações entre as informações coletadas e os estudos teóricos. Foi possível perceber a presença da disciplina Higiene em todos os anos do Curso Doméstico, bem como a nítida ênfase dada a estes ideais nas demais disciplinas. Destacamos que este não foi um acontecimento isolado nesta instituição, nessa perspectiva, esses preceitos se faziam presente nos discursos pedagógicos de inúmeros Estados brasileiros. Em estudos futuros podemos considerar a presença de outros ideais no currículo da instituição e, ainda, aprofundar os estudos sobre higiene.

Palavras-chave: Escola Doméstica. Currículo. Higiene.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Introdução

Este artigo apresenta os resultados e discussões de uma pesquisa que vem sendo realizado desde agosto de 2014, sobre as transformações curriculares da Escola Doméstica de Natal (ED). Durante esse tempo buscamos analisar os modelos curriculares presente na Escola Doméstica no período de 1914 a 2010.

Ao estudar o programa curricular de 1914 e suas reformulações, foi possível perceber o caráter higienista e positivista do mesmo, como afirma Rodrigues (2007). Além disso, também constatamos a presença de ideais da Escola Nova. Assim, optamos por considerar nesse trabalho a presença da ideologia higienista no currículo da ED. Ou seja, por meio das reflexões estabelecidas buscamos mostrar como esse ideal pedagógico aparece no currículo de 1914 a 1944.

Inicialmente é exposto uma contextualização sobre a ED, em que falamos sobre o momento de fundação da instituição, levando em conta as direções e como estas influenciaram no funcionamento e currículo da escola. Depois traçamos considerações sobre a presença do higienismo no currículo, percebendo a prevalência da formação para o lar, a disciplina Higiene como parte importante da estrutura curricular e a relação entre a ideologia higienista e a concepção de mulher que a instituição buscava formar.

Metodologia

Para chegar aos resultados e discussões, inicialmente fizemos pesquisa em campo, na Escola Doméstica, que tiveram o objetivo de coletar informações sobre a instituição por meio dos documentos oficiais, como as grades curriculares. Ao chegar à instituição tivemos acesso a documentos como boletins, fotos antigas, cardápios de diversas épocas, relatos e materiais didáticos utilizados. Essas informações foram obtidas no Acervo Nísia Floresta, localizado no segundo andar do prédio de aulas da ED.

Após essa coleta de dados foi necessário fazer uma revisão bibliográfica a fim de aprender sobre temáticas que permeiam os períodos estudados, assim, nos detivemos em informações sobre currículo, tendo como base Silva (2005), de modo que partimos da concepção de currículo como histórico, visto que, o referido autor afirma que a questão central para qualquer teoria de currículo é: O que deve ser ensinado? E para responder a essa pergunta as diferentes teorias recorrem a discussões



sobre a natureza humana, natureza da aprendizagem e a natureza da cultura e da sociedade. Fica claro, então, que o currículo é um resultado de uma seleção e que varia de acordo com o contexto vivido pela sociedade.

Sobre História da Educação, trabalhamos com Gadotti (1993), Giles (1987), Lourenço Filho (1961) e Cambi (1999), a fim de comparar as ideias pedagógicas apresentadas por esses autores com o currículo da instituição.

Também foi necessário buscar fontes sobre a instituição para que fosse possível fazer reflexões e discussões importantes dentro da temática. Recorremos as produções de Lima (2004), Barros (2000), Pinheiro (2005) e Rodrigues (2007). Para realizar a pesquisa foi necessário um estudo analítico-comparativo, em que comparamos as informações coletadas em pesquisa de campo com os estudos teóricos já expostos.

Resultados e Discussões

Contexto histórico da Escola Doméstica de Natal

A Escola Doméstica de Natal foi fundada no dia 1 de setembro de 1914, seu idealizador e fundador foi Henrique Castriciano de Souza (1874 – 1947)¹. Para Lima (2007), a instituição foi pioneira no que se refere ao ensino doméstico no Brasil, além de ter representatividade para o nordeste e para o Rio Grande do Norte. Para Pinheiro (2009, p. 29), a inauguração da Escola Doméstica em Natal foi o marco inicial da institucionalização da educação doméstica, “voltada a uma educação para as mulheres e ao espaço privado.”

O primeiro prédio da escola tinha um estilo neoclássico, era localizado na Praça Augusto Severo, na Ribeira, e foi construído pelo governo do Estado, que estava apoiando o projeto de Castriciano. Lima (2004) afirma que o prédio ficava em uma boa localização, tendo em vista que a Ribeira era o principal bairro de Natal, onde ficavam o comércio, as atividades culturais e sociais e sendo também área residencial. Contudo, essa localização deixou de ser privilegiada com o passar do tempo devido a mudanças na década de 1940 que fizeram com que o bairro Ribeira deixasse de ser o principal bairro da Cidade.

A ED foi idealizada a partir da necessidade, percebida por Castriciano, de oferecer à mulher uma educação digna, na perspectiva em que ele acreditava que reformas sociais importantes aconteceriam devido à influência da mulher nos lares e na família. Pinheiro (2005) enfatiza que o fundador criticava a moral e os costumes da época e tinha como projeto

¹ Idealizador e fundador da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Escola Doméstica de Natal. Poeta. Foi vice governador nos governos de Joaquim Ferreira Chaves (1914-1920) e no de Antônio José de Melo e Souza (1920-1924). (Fonte: Albuquerque (2004)).



pessoal a luta pela reforma da sociedade por meio da educação da mulher. Esse ideal partia do contexto Europeu, como afirma a referida autora, de modo que na época em que Castriciano estava idealizando a instituição de ensino doméstico, a Europa vinha enfatizando uma educação generalizada da população, colocando o foco na mulher como transmissora da cultura e valores de um modelo social, que passaria a ter o papel de preparar o homem moderno.

O interesse do idealizador na Educação Doméstica crescia cada vez mais e, por meio de uma viagem para a Suíça ele conheceu a *École de Ménagère de Fribourg*, a qual é enfatizada pelos autores como a principal influência da Escola Doméstica de Natal.

A *École de Menagère* é uma escola feminina da Suíça. Portanto, tendo em vista que a instituição teve uma inspiração europeia cabe, então, uma discussão sobre o contexto europeu nesse momento, construindo uma associação entre as concepções europeias e da *École Ménagère* aos ideais da ED. Sobre esse contexto, Rodrigues (2007, p. 95) discute sobre a ideia de educar a mulher para o lar, enfatizando que para ela essa ideia está associada

(...) às mudanças de crescimento populacional e urbano que o continente europeu atravessou no final do século XIX, sendo fruto também de movimentos que reivindicavam melhorias nas condições sanitárias e higiênicas para a população, numa conjuntura social e econômica pautada pelo crescimento acirrado e desordenado das cidades europeias, com a industrialização e o advento do capitalismo.

Nesse período – em que Castriciano visitou a Europa – a educação no continente europeu vinha passando por mudanças teóricas e práticas, considerando o século XX como o século do homem novo, Cambi (1999) afirma que a prática educativa voltou-se para um novo sujeito e impôs novos protagonistas, ele discute, ainda que “no século XX, a escola sofre processos de profunda e radical transformação. Abre-se às massas. Nutre-se de ideologia” (p. 513).

Nessa mesma perspectiva, pensamos que a prática da ED estava voltada para a formação de uma nova mulher, tendo em vista que confiavam na mudança da sociedade por meio da mulher no lar. Os intelectuais da Liga de Ensino do RN (LERN)² acreditavam em uma renovação da educação em que “(...) seria necessária a formação de um sujeito, particularmente um sujeito feminino, para ser o signatário da sociedade advinda do

² Fundada em 1911, a LERN começou como uma sociedade de homens da elite natalense preocupados com a educação que objetivava auxiliar os poderes públicos estaduais, em tudo o que dissesse respeito à instrução e educação do povo, conforme explicita Barros (2000).



sistema capitalista e da forma republicana de governo que se organizava” (RODRIGUES, 2007, p. 58).

Embora tenha se inspirado na escola suíça, buscaram adaptar as práticas curriculares à realidade norte-riograndense. Autores como Lima (2007) e Barros (2000) discutem que a intenção de Castriciano não foi reproduzir a Escola da Suíça em Natal por meio da ED, mas, sim, realizar uma adaptação à cultura brasileira, especialmente a natalense.

Para isso vieram duas professoras formadas na École de Ménagère de Fribourg, que foram as duas primeiras diretoras da instituição. Antes de iniciar o trabalho na instituição, Lima (2007) destaca que as professoras estrangeiras tiveram reuniões com professoras natalenses a fim de conhecer mais a realidade local.

Durante 101 anos de funcionamento, a Escola Doméstica de Natal teve 16 (dezesseis) diretoras. No período de 1914 à 1944 foram 11 (onze) diretoras. Para os fins do presente trabalho dividimos essas diretoras em dois momentos, sendo o primeiro as sete primeiras diretoras da instituição que eram estrangeiras e, o segundo, as diretoras brasileiras que antecedem a direção de Noilde Ramalho. Esse recorte antes da Diretora Noilde Ramalho acontece devido a importância que teve para a instituição e ao tempo em que passou a frente da direção.

Tabela 1 - Direções da Escola Doméstica de Natal divididas em dois momentos.

MOMENTOS	DIRETORAS	PERÍODO
1º MOMENTO (1914-1926)	Hélène Bondoc	1914-1915
	Jeanne Negulesco	1915-1918
	Leora James	1919-1922
	Allexandra Von Schimnielpfeig	1923
	Edwirges Schuller	1924
	Isabel Baird	1925
	Júlia Serivé	1926
2º MOMENTO (1927-1944)	Maria Emiliana Silva	1927-1930
	Caetana de Brito Guerra	1930-1935
	Alix Ramalho Pessoa	1935-1944
	Amélia Bezerra Filha	1944

Fonte: Dados organizados pela autora a partir da bibliografia e documentos consultados



O primeiro período (1914-1926) consiste nas direções exercidas pelas diretoras estrangeiras que tiveram o papel de consolidar o projeto idealizado por Henrique Castriciano, trazendo as experiências da Europa e Estados Unidos. Já o segundo momento (1927-1944) caracterizou-se pelas primeiras diretoras nacionais, que foram ex-alunas da Escola Doméstica, marcado por mudanças significativas em relação ao momento anterior, especialmente no que diz respeito a aproximação a cultura local.

No primeiro momento (1914-1926), destacamos a importância das duas primeiras diretoras, Hélène Bondoc e Jeanne Negulesco, visto que foram responsáveis pela confecção e consolidação do primeiro currículo, junto a LERN, o qual permaneceu nos primeiros quatro anos. A direção de Hélène Bondoc (1914-1915) contribuiu no currículo trazendo disciplinas da Ecole Ménagère de Fribourg de forma adaptada às necessidades das alunas que vinham das cidades do interior, enquanto a LERN defendeu “uma educação onde a mulher fosse instruída para que, no lar ou fora dele, soubesse guiar-se nos caminhos da vida.” (BARROS, 2000, p. 91)

A segunda direção foi a de Jeanne Negulesco (1915-1918), a partir dos estudos consideramos que ela deu continuidade ao trabalho que estava sendo feito pelas diretoras anteriores, tendo em vista que manteve as mesmas diretrizes, por exemplo, a estrutura curricular, que sofreu as primeiras alterações apenas em 1922. De acordo com Barros (2000), a diretora Leora James (1919-1922) teve um papel importante no que diz respeito a ampliação dos aprendizados artísticos e culturais na instituição, ainda de conformidade com a referida autora, as diretoras Allexandra Von Schimnielpfeig (1923) e Edwirges (1924) realizaram poucas modificações na instituição, esses fatos podem ser justificados pelas dificuldades financeiras que a escola estava passando nesse período.

Acreditamos que as dificuldades financeiras estavam associadas a baixa quantidade de alunas da instituição. Rodrigues (2007) discute que este fator estava associado ao alto custo que era exigido para manter as alunas na escola, de modo que no ano de 1923 a instituição teve duas alunas diplomadas, enquanto em 1924 não teve nenhuma, conforme explicitado em Rodrigues (2007, p. 146).

Assim inicia-se o segundo período, de 1927-1945, momento em que entram as primeiras diretoras brasileiras. A primeira delas é Maria Emiliana Silva (1927-1930), diplomada pela Escola Normal de Natal, objetivou fazer alterações no currículo a fim de manter a tradição da instituição (RODRIGUES, 2007).



Em 1930, Caetana de Brito Guerra (1930-1935) passa a ser a diretora, foi diplomada pela Escola Doméstica e com curso de aperfeiçoamento na Bélgica. São identificadas por autores, como Barros (2000), dificuldades financeiras nesse período. Acreditamos que essas dificuldades tenham sido fruto das modificações no ensino, impostas pela legislação nacional. Por exemplo, em 1931 foi criado o primeiro Ministério Nacional da Educação e Cultura e, além disso, foram feitos alguns decretos-leis que alteraram a estrutura do ensino primário e secundário do país. Rodrigues (2007) discute que uma das características dessa Reforma foi a inflexibilidade dos ensino profissionalizante e secundário, “pois ao concluir o ensino técnico profissional, o aluno somente poderia dar continuidade aos estudos no ramo profissional correspondente (...)” (RODRIGUES, 2007, p. 164). No tocante a esta característica, podemos identificar que a ED seguia essa mesma linha, tendo em vista que nesse período não possibilitava o ingresso em instituições de ensino superior. Documentos da Escola, como o Boletim comemorativo de 75 anos da Escola Doméstica de Natal (1914 – 1989) explicita que “muitas foram as dificuldades de ordem econômica e financeira” (p. 10) que a diretora Guerra enfrentou.

Barros (2000) afirma que nesse período a escola apresentava uma intensa evasão de alunas, de modo que em 1930 a escola possuía noventa e duas alunas e passa a ter, em 1931, trinta e nove. O número de diplomadas em 1930, embora maior que os dos anos anteriores, era apenas de 10 alunas (RODRIGUES, 2007).

Em 1935, Alix Ramalho Pessoa (1935-1944) assume a direção, passou nove anos no cargo, além de ficar na direção, a referida diretora também atuou como professora de Leiteria e Cozinha Artística (BARROS, 2000). Ainda devido à evasão a então diretora teve dificuldades em realizar alterações no currículo ou no funcionamento da escola. Outro fator que pode ter interferido foram as dificuldades enfrentadas no período da Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que a cidade de Natal foi considerada ponto estratégico para ação dos militares, o que causou medo à população, fazendo com que muitas estudantes da ED voltassem para o interior. Finalizando esse segundo momento, assume o cargo de diretora por nove meses a professora Amélia Bezerra (1944), a qual impulsionou o desenvolvimento cultural das alunas da instituição. Acreditamos que as diretoras brasileiras tiveram um papel de transição entre as diretoras estrangeiras para o período seguinte, tendo em vista que apesar de, em sua maioria, buscar manter a tradição, aturam em uma perspectiva de aproximar a instituição à realidade das alunas.



A presença do Higienismo no Currículo da Escola Doméstica de Natal

O primeiro currículo foi produzido pelas duas primeiras diretoras vindas da École Ménagère de Fribourg, Hélene Bondoc e Jeanne Negulesco em parceria com a LERN. A estrutura curricular propunha dois cursos, um Curso Preparatório – com duração de dois anos – e o Curso Doméstico – com duração de quatro anos. As disciplinas do curso doméstico eram: Cultura Physica, Costura, Música, Calligraphia, Cosinha, Agricultura, Leiteria, Anatomia, Criação, Jardinagem, Hygiene, Lavagem, Contabilidade, Cosinha Artística, Methodologia, Economia da casa, Puericultura e Medicina Prática, Chimica alimentar, Arithmetica, Portuguez, História do Brasil, Geografia, Francez ou Inglês, Álgebra, História Universal e Educação Social.

O primeiro aspecto que chama atenção nessa grade curricular é a prevalência da formação para o lar, a qual já era prevista nos documentos escritos por Castriciano. Marques Neto (2015) afirma que o fundador da ED queria que o conhecimento doméstico fosse a base do aprendizado na instituição, pois para ele o destino das alunas era o lar e a família.

Por meio da revisão bibliográfica chegamos à conclusão que Heléne Bondoc buscou trazer disciplinas da *Ecole Ménagère de Fribourg* de forma adaptada para as necessidades das alunas que vinham das cidades do interior. No entanto, pensamos que, inicialmente, essa adequação teve alguns problemas, pois, nos relatos apresentados por Barros (2000), foi possível notar que nesse primeiro momento a diferença de cultura e língua entre alunas e diretoras foi uma grande barreira tanto no currículo quanto no contato cotidiano.

Algumas receitas aprendidas na disciplina *Cozinha* não eram refeições típicas no Brasil e até mesmo o cardápio das alunas era em francês. Após reclamações e dificuldades de diálogo com as alunas o cardápio foi modificado para português, contudo, continuou composta por comidas típicas francesas. Barros (2000) apresenta relatos de alunas sobre a comida servida, durante muito tempo foi considerado normal, pelas diretoras estrangeiras, servir berinjelas como janta, ou seja, uma refeição que não é comum no Brasil. Por conseguinte, pensamos que as reformulações feitas nesse período podem ter sido feitas para melhorar o currículo nesse aspecto.

Pensamos que a Escola Doméstica era voltada ao âmbito privado da sociedade natalense, bem como era voltada às mulheres que buscavam o lar e o casamento, reiterando o ideal do lugar da mulher ser o matrimônio. Pinheiro (2005) enfatiza que para as mulheres que



não procuravam o lar e o casamento, mas, sim, buscavam o exercício da profissão docente, existia a Escola Normal de Natal.

A estrutura curricular funcionou desse modo até 1922 (RODRIGUES, 2007), quando foram acrescentadas outras disciplinas, como Desenho e Cozinha teórica e prática. Com a alteração feita pela Liga de Ensino em 1922, a disciplina Higiene foi adicionada no primeiro ano do curso, as disciplinas Desenho e Medicina prática foram adicionadas no segundo ano e, no terceiro ano, foram adicionadas as disciplinas Agricultura, Medicina Prática, Desenho, Lavagem e Engomada.

A transferência da disciplina higiene para o primeiro ano de curso reforça o forte caráter higienista da época, para Moreira (2011, p. 126), o higienismo é uma “(...) ideologia científica que antecede o século XX vai ganhar contornos mais definidos e presentes a cada reforma de ensino chegando a seu ápice a partir dos anos de 1920”. É importante salientar que “os preceitos higienistas estavam presentes nos discursos pedagógicos adotados em vários Estados brasileiros no que se refere também a práticas escolares” conforme explicitam Azevedo e Stamatto (2012, p. 67).

Pensamos que à mulher “era atribuída a tarefa de ensinar a humanidade a formar novos cidadãos comprometidos com o novo Regime político e social, que poderia ser exercitada nos papéis de mãe e professora” (RODRIGUES, 2007, p. 97), de modo que acreditamos que esse discurso higienista reforçou o lugar da mulher no lar, cuidando dos filhos, conforme era concebida a mulher pela instituição. Para a Escola Doméstica, a educação da mulher estava diretamente associada ao lar e à família, na perspectiva em que ele acreditava que reformas sociais importantes aconteceriam devido à influência da mulher nos lares e na família.

A ED foi idealizada a partir da necessidade, percebida por Castriciano, de oferecer à mulher uma educação digna, assim, Pinheiro (2005) enfatiza que o fundador criticava a moral e os costumes da época e tinha como projeto pessoal a luta pela reforma da sociedade por meio da educação da mulher.

Tal prevalência da formação para o lar já era prevista nos documentos escritos por Castriciano. Marques Neto (2015) afirma que o fundador da ED queria que o conhecimento doméstico fosse a base do aprendizado na instituição, pois para ele o destino das alunas era o lar e a família. Para compreender o currículo da instituição não podemos perder de vista os ideais do fundador ao decidir criar a ED, tendo em vista que é defendido pela instituição a permanência de certos valores até os dias atuais.



A primeira legislação que concedeu o direito à instrução da mulher no Brasil, que surge em 1827³, admitindo as meninas apenas no primeiro grau. Os liceus, ginásios e as academias eram reservados ao sexo masculino. Para a referida autora, existia uma crença na melhoria da sociedade através da educação feminina que passou a tornar-se mais válida, desde que seguissem os preceitos da mulher no lar.

Nessa perspectiva, trazemos a discussão de Neto (2011), que apresenta um discurso proferido por Castriciano em Conferência sobre educação da mulher, em que ele proferiu em seu discurso que uma mulher que soubesse ler não deixaria seus filhos ignorantes, pois quando se educa um homem, se educa um indivíduo e quando da instrução a uma menina, prepara-a para educação de uma família. Percebemos, então, uma perspectiva de mulher de conformidade com a discussão estabelecida por Stamatto (2002, p. 9) em que o lugar da mulher era o matrimônio, tendo ainda, “o magistério primário visto como uma alternativa ‘decente’ para as não casadas, ainda que sob a tutela masculina.” A referida autora, cita, ainda, o caso de uma Escola Normal, no Piauí em 1882, cujo currículo oferecia, disciplinas propedêuticas e voltadas ao lar, contudo, ela discute que em 1910,

“(…) estavam institucionalizados em todo o país os grupos escolares, com novidades em termos de ensino, direção e supervisão escolar, havendo se não superioridade, igualdade numérica dos efetivos femininos nas escolas. Todavia, ao que parece (...) os costumes e as práticas cotidianas ainda amarravam as mulheres a velhos hábitos.” (STAMATTO, 2002, p. 8)

Nessa perspectiva, percebemos que o currículo da Escola Doméstica estava mais próximo às disciplinas oferecidas pela Escola Normal do Piauí, ainda focada na formação para o lar.

A Escola Doméstica era voltada ao âmbito privado da sociedade natalense, bem como era voltada às mulheres que buscavam o lar e o casamento, reiterando o ideal do lugar da mulher ser o matrimônio. Pinheiro (2009) enfatiza que para as mulheres que não procuravam o lar e o casamento, mas, sim, buscavam o exercício da profissão docente, existia a Escola Normal de Natal.

Além dos fatores discutidos, Pinheiro (2005) também destaca que, em sua obra, Henrique Castriciano apresenta a forte presença da concepção de maternidade, desde o poema mãe, de 1897 até a outros poemas que se dedicavam ao tema morte, que tratavam geralmente

³ Lei de 15 de outubro de 1987 em que contém o artigo 11º “Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.” (85) 3322-3222
contato@coprecis.com.br



de órfãos ou mães que perdiam seus filhos, como “Berço Esquife” (1895), “Alma Extinta” (1895), “Supplica” (1896), entre outros.

Esse era o modelo normativo de mulher que foi criado desde meados do século XIX, um modelo no qual a mulher é sempre associada a maternidade, inspirado nos “arquetipos do cristianismo”. Almeida (2004) discute sobre esse viés religioso da visão da mulher, expondo que para a Igreja “a ausência de educação religiosa nas escolas seria especialmente danosa às mulheres”, o que fez com que escolas católicas dirigidas às elites prosperassem cada vez mais no Brasil.

Apesar de ter uma imagem da mulher diretamente ligada a maternidade e ao lar, percebemos a ausência de disciplinas ligadas à religião, um ideal do fundador Castriciano, que buscava a laicidade e liberdade de culto na escola Pinheiro (2005, p. 54), afirma que essa era a ideologia de Castriciano desde a idealização da ED.

Nesse contexto, Henrique Castriciano busca a modernização do processo educativo laico e fundamentado em procedimentos científicos, baseados no paradigma cartesiano. (...) A construção de um novo currículo se daria pelas ideias modernas, científicas, que se colocassem aliadas às práticas tradicionais.

Apesar de não conter disciplinas de cunho religioso, percebemos que a instituição continha em suas práticas cotidianas idas à missa, o que nos leva a pensar que de certo modo não consiste em laicidade, tendo em vista que o currículo não envolve apenas o quadro de disciplinas da instituição, mas também seus eventos e práticas cotidianas.

Em relação à mulher, é possível notar que a Liga de Ensino do RN defendeu os mesmos preceitos, levando em consideração “uma educação onde a mulher fosse instruída para que, no lar ou fora dele, soubesse guiar-se nos caminhos da vida” (BARROS, 2000, p. 91).

Por conseguinte, percebemos que existe uma associação entre os preceitos higienistas que a instituição adotou e o projeto de mulher e sociedade que a instituição tinha. A disciplina higiene, então, era ensinada em todos os níveis de ensino da instituição, Rodrigues (2007) afirma que a disciplina funcionava como pré-requisito de todas as outras disciplinas, fato que reforça – novamente – a força dessa ideologia nas práticas da instituição. Nessa mesma perspectiva, percebemos no programa que a disciplina Cozinha, por exemplo, era fundamentada nos princípios de uma alimentação racional e higiênica.

Considerações Finais



Foi possível perceber que a instituição adotou preceitos higienistas no currículo. Esse fato está expresso na grade curricular e em suas alterações, bem como no programa curricular da instituição. As práticas cotidianas na instituição também reiteraram tal afirmação, levando em consideração os hábitos e rotina das estudantes, por exemplo.

Podemos considerar que a instituição não foi um caso isolado, mas, sim, seguiu uma tendência nacional de seu tempo e espaço, na perspectiva em que esses preceitos foram adotados em inúmeros Estados brasileiros.

Não menos importante, também ficou explícito que o discurso higienista fortaleceu a concepção de mulher da instituição, tendo em vista que Castriciano criou a escola a fim de formar para o lar e para a vida. Ou seja, fortaleceu a ideia de que o lugar da mulher era no lar, cuidando dos filhos, sendo atribuída à elas a formação de novos cidadãos – os filhos.

Consideramos que seja possível realizar um estudo mais detalhado acerca dessa temática, bem como cabe uma investigação de outros preceitos pedagógicos adotados pela instituição ao longo do século considerando, principalmente, o currículo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano de Souza: seleta de textos e poesias. RN Econômico. Natal: RN, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação ou destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval. ALMEIDA, Jane Soares de. SOUZA, Rosa Fátima Souza. VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2004.(p. 59 – p.108).

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da ordem e do progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília: Líber Livros, 2012. 163 p. ISBN 978-85-7963-084-2.

BARROS, Eulália Duarte. **Uma escola suíça nos trópicos**. Offset Gráfica e Editora Ltda. Natal: RN, 2000.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Boletim comemorativo do cinquentenário da Escola Doméstica de Natal (1914-1964)**. Natal: URN, Imprensa Universitária.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP (FEU), 1999.



LIMA, Daladier da Cunha. **Noilde Ramalho**: Uma história de amor a educação. Natal: Liga de Ensino RN, 2004.

MOREIRA, Keila Cruz. **Em nome da República**: Escolas e tradições modernas. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 2011.

NETO, Cosme Ferreira Marques. **Henrique Castriciano de Souza**: uma contribuição à educação da mulher potiguar. In: Revista da FARN, Natal, v. 10, n. 1/2, p. 225-261, jan./dez. 2011.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Educação e Modernização em Henrique Castriciano**. Natal: EDUFRN, 2005.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. Mãe-esposa e professora: educadoras no final do século XIX. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 2009.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. **Educar para o lar, educar para a vida**: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.